

Quando dandies e roceiros foram à guerra do Paraguai

..... Vanderlei Machado*

R e s u m o

O artigo procura perceber como Oswaldo R. Cabral, em sua obra "Nossa Senhora do Desterro", representou os homens que ocuparam cargos públicos em Desterro, na segunda metade do século XIX. Dado o volume da obra, nos ateremos nas figuras dos militares. A partir da perspectiva das relações de gênero, tentaremos demonstrar outras possibilidades de se abordar o papel dos homens na história. Para tanto, partiremos do princípio de que as identidades de gêneros são construções históricas.

Palavras-Chave: Gênero, identidades masculinas, masculinidade hegemônica.

A b s t r a c t

The article aims to perceive how Oswaldo R. Cabral, in his work *Nossa Senhora do Desterro* represented the men that occupied the public offices in *Desterro* in the second half of the nineteenth century. Due to the length of the, we'll concentrate in the military figures. From the gender relations perspective, we'll try to demonstrate other possibilities to approach the men's role on history. We'll also start from the principle that identity and gender are historic constructions.

Key words: Gender, Masculinity identity, Hegemonic masculinity.

"A história não deve se interessar pelo homem abstrato, eterno, imóvel, no fundo perpetuamente idêntico a si mesmo, e sim voltar-se para 'os homens sempre tomados no enquadramento da sociedade de que são membros e inseridos numa época bem determinada do seu desenvolvimento'".¹

A proposta desse artigo é perceber quais as representações e os atributos masculinos que têm sido valorizados pela historiografia de autoria de Oswaldo Rodrigues Cabral. Em virtude das especificidades deste artigo, centrarei minhas análises na forma como Cabral narrou a presença dos militares na sociedade de Desterro, em seu livro "Nossa Senhora do Desterro". Abordaremos esta obra pelo seu caráter de história local, centrada

* Bacharel e licenciado em História pela Universidade Federal de Santa Catarina, 1994. Aluno do curso de Pós-Graduação/Mestrado em História da Universidade Federal de Santa Catarina. Orientadora Profa. Dra. Joana Maria Pedro.

¹ Dias, Maria Odila Leite da Silva. Teoria e método dos Estudos feministas: perspectiva histórica e hermenêutica do cotidiano. In: COSTA, Albertina de Oliveira & BRUSCHINI, Cristina (org.) *Uma Questão de Gênero*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos. p. 46.

em Desterro², e, principalmente, porque esses homens ocuparam cargos públicos, objeto de estudo que estarei trabalhando em minha dissertação de mestrado.

Para realizarmos este diálogo com a obra de Oswaldo Cabral, partimos do pressuposto de que não existe um modelo masculino universal, válido para todos os tempos e lugares. Participamos ainda da idéia, apresentada por trabalhos recentes, de que a masculinidade difere segundo a época, mas também segundo a classe social, a raça e a idade do homem³. Segundo Robert W. Connel, diferentes masculinidades são produzidas no mesmo contexto social; as relações de gênero incluem relações entre homens, relações de dominação, marginalização e cumplicidade. O autor lembra ainda que grupos de homens lutam por domínio através da definição social da masculinidade. A posição dominante, na ordem do gênero, propicia vantagens materiais, bem como, vantagens psicológicas.⁴

Nesse sentido, além de fazer uma leitura crítica da forma como Cabral construiu a história de "Nossa Senhora do Desterro", buscaremos perceber como a experiência da guerra do Paraguai foi vivenciada de forma diferenciada pelos homens da época. Entre eles, encontramos os que convencionalmente chamamos de "dandies", por serem estes homens que viviam no espaço urbano, ligados ao comércio e ao funcionalismo público, com alguma instrução escolar e que buscavam se vestirem com um certo apuro. Em oposição a estes, denominamos de "roceiros" os homens que viviam nas freguesias que circundavam a cidade de Desterro, em sua maioria analfabetos, que encontravam na pesca e na agricultura o seu sustento e de suas famílias.

Desse modo, procuraremos nos aproximar de uma tendência, perceptível nos últimos anos, na qual alguns historiadores catarinenses, imbuídos de uma visão da história influenciada pela chamada "escola dos Anales" e da crítica feminista, principalmente a norte americana, têm buscado perceber na história personagens que foram relegados a um segundo plano, que ficaram nas franjas da história e da historiografia, como as mulheres, os negros, os homossexuais, dentre outros. Com essas novas perspectivas, muitas das noções tradicionalmente empregadas por vários historiadores, assim como, Oswaldo R. Cabral, têm sofrido um processo de questionamento no sentido de apontar as ausências de muitos grupos sociais em suas obras, e do mesmo modo, fazer uma crítica à forma como alguns aspectos do social foram por eles retratados. Nesse sentido, Patrícia de Freitas nos alerta:

*"Para o perigo de ir diretamente a estes autores; o historiador jamais deve abster-se da crítica documental. Os textos de Cabral [...] ao serem utilizados, devem ser vistos como monumentos, e, nestas condições, é preciso desmontar, demolir esta montagem, desestruturar esta construção e analisar as condições de produção dos documentos-monumentos."*⁵

² Desterro era o nome do atual município de Florianópolis até 1893.

³ BADINTER, Elisabeth. **XY: sobre a identidade masculina**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993. p. 28.

Ver ainda: ALMEIDA, Miguel Vale de. **Senhores de si: uma interpretação antropológica da masculinidade**. Lisboa: Edições Fim de Século, 1995.

⁴ CONNELL, Robert W. Políticas da masculinidade. In: **Revista Educação e Realidade**. jul./dez. 1995. p. 191.

⁵ FREITAS, Patrícia de. **Margem da palavra, silêncio do número: o negro na historiografia catarinense**. Florianópolis: UFSC, 1997. (Dissertação de Mestrado em História). p. 30.

Os escritos desse autor estiveram, no contexto histórico em que foram produzidos, em consonância com as práticas políticas dos governos estadual e central, portanto, estavam enredados num discurso oficial. Isto se deveu à proximidade que o autor teve com o aparelho burocrático-administrativo catarinense, seja ocupando cargos públicos ou seja pelo reconhecimento governamental atribuído a estes trabalhos, favorecendo assim a sua publicação e disseminação pelas escolas e bibliotecas do estado. “Ao historiador cabe a função de perceber, nestes compêndios de história oficial, o que foi encoberto, desqualificado e que, de alguma forma, não interessava à elite intelectual.”⁶

Em Nossa “Senhora do Desterro”, Oswaldo Rodrigues Cabral se utilizou dos mais variados estilos para narrar suas histórias. Ele conversou com o leitor, observou, comentou os fatos relacionando-os com a atualidade, indignou-se com determinados acontecimentos e sugeriu o que, a seu ver, deveria ter sido feito para que se evitasse este ou aquele fato, bem como, criticou certos comportamentos masculinos que destoavam do modelo por ele valorizado.⁷

Na apresentação de seu trabalho, Cabral nos explicita quais foram suas fontes: “andei guardando, durante uns trinta anos, uma vintena de cadernos com apontamentos colhidos nos arquivos do Palácio e da Prefeitura, bem como na coleção dos jornais da segunda metade do século passado que, embora desfalcada, constitui ainda o mais precioso manancial de informações de todo o gênero sobre a cidade do Desterro e sua vida.”⁸ Nota-se que o autor se utilizou tanto das fontes ditas “oficiais”, devido principalmente ao fato de terem sido produzidas sobre os auspícios do Estado, quanto dos jornais que, até recentemente, pouco crédito tinham merecido por parte de alguns historiadores.

Cabral, durante sua vida, se ocupou de diversas atividades: da medicina, passando pela cátedra de Antropologia na Universidade Federal de Santa Catarina, além disso, foi político e, quando lhe sobravam “vagares”, se dedicava à escrita da História catarinense de forma geral. Em seu último trabalho, este, que ora analisamos, se deteve na História de Desterro. Percebe-se, no seu derradeiro trabalho de historiador, o aprofundamento de temas já presentes em outras publicações, porém “Nossa Senhora do Desterro” difere em alguns pontos de outras obras publicadas por Cabral.

Em “História de Santa Catarina”, Cabral procurou eximir-se de comentários apresentando uma narrativa objetiva, que acabou enfatizando: “os indivíduos como sujeitos principais da História, Cabral faz panegírico à elite dirigente administrativa do Estado de Santa Catarina. Assim, o seu tipo ideal de indivíduo-agente-da-História é o ‘tipo administrador’, que pinça desde a época colonial até a década de 60.”⁹

⁶ Ibidem. p. 66.

⁷ Ibidem. p. 97.

⁸ CABRAL, Oswaldo R. *Nossa Senhora do Desterro*. Memória vol. I Florianópolis: Editora da UFSC, 1972. p. 5.

⁹ DALLABRIDA, Norberto. A perspectiva histórica de Cabral em “História de Santa Catarina”. IN: *Blumenau em cadernos*. p. 243.

Esta visão da história que privilegia os indivíduos está presente em “Nossa Senhora do Desterro”, apesar do autor se propor a fazer uma:

“História de vida e não de atitudes, na qual a gente importante entra apenas para servir de contraste; filme de instantâneos reais tomados ao natural, com o pitoresco dos movimentos espontâneos, sem ambiências de retratista, sem poses impertigadas, sem maquiagem. História banal, corriqueira, sem importância, que nem devia ser contada... História da arraia miúda.”¹⁰

Os sujeitos que foram colocados em “realce” pelo autor em “História de Santa Catarina”, aparecem em “Nossa Senhora do Desterro” como elementos paradigmáticos. Ao servirem de “contrastes” desqualificam a “arraia miúda”. Assim, o modelo masculino valorizado por Cabral estava ligado a homens que ocuparam cargos de destaque na administração pública, empreendedores, desbravadores, chefes militares e profissionais liberais. Percebemos ainda que o autor hierarquiza seus personagens, destacando aqueles que tiveram projeção na política em nível de governo central. Com relação às lideranças locais, observamos que Cabral simpatiza e dá certa notoriedade a alguns chefes de família, que, na visão dele, se destacaram no cenário social e político de Desterro. Podemos perceber também que o autor toma “cuidado” ao se referir a certas famílias que possuíam descendentes, na década de 50, deste século, período em que escreve “Nossa Senhora do Desterro”, principalmente àqueles que continuaram mantendo uma intimidade com os círculos de poder vigentes no Estado.

Ao tratar da presença dos militares, na sociedade de Desterro, Cabral descreve como eles estiveram presentes desde o período colonial e a sua “importância” na formação da elite local. Dentro de sua perspectiva dicotômica, o autor critica a postura da “soldadesca” e os distúrbios, “abusos” que esses causavam à cidade. Em relação à grande presença de soldados, à época da Guerra do Paraguai, o autor fala das brigas, das rixas ocorridas entre soldados de diferentes batalhões.

Cabral lembra, falando sobre os oficiais, que muitos para cá vieram “como castigo pelo relaxamento na aparência e por indisciplina. Felizmente, não foi regra geral, e tanto o Exército quanto a Marinha tiveram aqui nomes que, pela sua cultura e pela sua inteligência, além da distinção com que se apresentavam, dignificaram as Corporações a que pertenciam”.¹¹ Cabral opõe a cultura e a inteligência dos oficiais ao comportamento dos soldados “baderneiros”, estes, no entender de Cabral, só eram dominados pela energia e bom exemplo dos primeiros.

Assim como a “soldadesca” foi preterida aos oficiais, Cabral também confronta os diversos batalhões presentes na Ilha, principalmente à época da Guerra do Paraguai. A guarda nacional foi satirizada, talvez pela sua condição de “galardão político” ou ainda por constituir-se em “segunda linha”, em que os altos postos eram ocupados por pessoas com influência política. “Pelo menos, ninguém ouvia dizer que este ou aquele cidadão

¹⁰ CABRAL, Oswaldo R. *Nossa Senhora do Desterro*. Notícias vol. I. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 1972. p. 7.

¹¹ CABRAL, Oswaldo. *Nossa Senhora do Desterro*. Memória vol. II. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1972. p. 22

fosse soldado da Guarda - mas não havia funcionário, comerciante, poeta, músico, jornalista ou qualquer coisa, a não ser padre, que não apresentasse, antes do prenome, uma patente qualquer, de Alferes a Coronel, da briosa corporação.”¹²

Cabral, ao discorrer sobre a Guarda Nacional, incorporou as críticas da época a esta guarnição que foi criada em 1831, pelo regente Diogo Feijó. Exemplo dessa crítica é a sátira feita aos oficiais desta corporação, por Horácio Nunes em seu romance “Dom João de jaqueta”, que circulou na forma de folhetim no jornal do Comércio, em 1887. Falando sobre os soldados da Guarda Nacional, o autor diz inicialmente “Não sei bem como é que se conseguiam soldados para esta segunda linha [...] para logo adiante informar que “os recrutas para a Guarda Nacional, gente tirada da roça, que de briga não queria saber nem das de botequim, mal se viam livres das algemas com que eram ‘espontânea e voluntariamente’ trazidos e apresentados, largavam-se pelo mato [...]”¹³

Os termos “espontânea e voluntariamente” são cheios de sátira e desabono. Pois, aos “recrutas” da Guarda, sobressaem-se os “Voluntários da Pátria”. Sobre o segundo grupo, Cabral “lembra” que não eram militares mas “civis em armas - mais do que reservas das Forças Armadas, pois jamais haviam servido, eram reservas do espírito cívico e do pendor patriótico de uma geração.”¹⁴ A simpatia por tal guarnição levou o autor a dedicar-lhe um capítulo e uma pesquisa onde procurou nomear os soldados que nela serviram.

Percebe-se na narrativa de Oswaldo Cabral que, para ele, os homens apresentam um conjunto de comportamentos, modos de vida, condutas e idéias que atravessam a história sem qualquer alteração. É como se um único modelo masculino estivesse constantemente sendo utilizado para comparar, julgar, valorizar ou desqualificar as personagens de suas histórias: um modelo de homem branco, empreendedor, bem sucedido na política e financeiramente. Aqueles que, a seu ver, comandaram os destinos da sociedade. Partindo desses pressupostos é que o autor procurou, ao longo de toda a sua escrita, estabelecer determinados padrões trans-históricos que acabam por negar a própria elaboração historiográfica. Apesar de escrever sobre temas históricos, é possível dizer que em Cabral está ausente uma consciência histórica, ou seja, aquela que está sempre aberta para relativizar e perceber o quanto as épocas diferem e o quanto são múltiplas as representações que cada sociedade produz sobre os indivíduos.

Em Cabral, a elite de Desterro dá o “tom” o tempo inteiro. Todo o restante da sociedade deve seguir o padrão por ela estabelecido. As representações valorizadas de papéis masculinos são aquelas que o autor encontra nos grupos dominantes da cidade. São os oficiais de alta patente, os comerciantes ricos, os médicos, aqueles que tiveram oportunidade de conquistar postos sociais elevados por meio de certas condutas julgadas exemplares.

Buscando romper com um historiografia que representa o homem como eterno, imóvel e que perpetua um modelo de masculinidade presumidamente constante em todas as

¹² CABRAL, Oswaldo. *Nossa Senhora do Desterro*. Memória vol. II. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1972. p. 42

¹³ Idem p. 42

¹⁴ Ibidem. p.46.

fases da história, na qual, em nossa visão, se alinhava Cabral, e apoiados em estudos recentes que procuram desconstruir as “identidades e os papéis tidos como apropriados aos gêneros” e que, segundo Elizabeth Fox-Genovese, “normalmente apresentam essas identidades e papéis como emanações naturais das diferenças sexuais”, é preciso perceber “as identidades de gênero que as diferentes sociedades conferem a homens e mulheres como fatos históricos que exigem análise histórica”¹⁵.

Procurando olhar a sociedade de Desterro, da segunda metade do século XIX, a partir dessa perspectiva, podemos observar que os homens que ocuparam cargos públicos e, que encontravam na imprensa um veículo para a divulgação de suas idéias, formularam uma série de discursos que possibilitou a emergência de um modelo ideal de masculinidade pretensamente hegemônico para a elite masculina da época. A masculinidade hegemônica, conforme o antropólogo Miguel Vale de Almeida, é um modelo cultural ideal que, não sendo atingível por praticamente nenhum homem, exerce sobre todos os homens um efeito controlador, através da incorporação, da ritualização das práticas da sociabilidade cotidiana e de uma discursividade que exclui todo um campo emotivo considerado feminino.¹⁶

Almeida buscou em Gramsci o conceito de hegemonia e diz que este conceito, no campo do estudo de gênero, “nos permite uma concepção mais dinâmica de masculinidade, entendida assim como estrutura de relações sociais, em que várias masculinidades não-hegemônicas subsistem, ainda que reprimidas e auto-reprimidas por esse consenso e senso comum hegemônico, sustentado pelos significados simbólicos incorporados.”¹⁷

E ainda, de acordo como o mesmo autor, “A masculinidade é um processo construído, frágil, vigiado, como forma de ascendência social que pretende ser.”¹⁸

O exemplo da valorização da carreira militar é, portanto, muito significativo. É possível que, para os filhos da elite, ser um “Voluntário da Pátria”, com a possibilidade de alcançar muitas promoções durante sua atuação, era muito importante. Daí seu engajamento “espontâneo” tão valorizado por Cabral.

A coragem e o caráter guerreiro têm sido valorizados como um atributo natural masculino. Buscando romper essa imagem, em minha dissertação, além de mostrar o papel que tiveram as elites dirigentes, no século XVIII e na primeira metade do XIX, entre os quais, se destacamos militares na construção de um modelo pretensamente hegemônico de masculinidade, buscarei demonstrar os investimentos simbólicos e as práticas que influíram na decisão de uns irem à guerra e as razões de outros que buscaram “escapar” ao recrutamento.

¹⁵ FOX-GENOVESE, Elizabeth. Placing Women's history. In: *New Left Review*, 133. May/June – 1982. p. 8.

¹⁶ ALMEIDA, Miguel Vale de. *Senhores de si. Uma interpretação antropológica da masculinidade*. Lisboa: Fim de Século Edições, p. 128.

¹⁷ *Ibidem*. p. 155.

¹⁸ *Ibidem*. p. 17

Para as pessoas pobres, como os filhos de trabalhadores rurais, apresentarem-se ao exército era deixar de conseguir ocupações diversas que dariam alguma perspectiva de sobrevivência junto às suas famílias, além do temor que causava a idéia de ir para o campo de batalha. Portanto, não é de se estranhar a resistência, além do fato de que a referência da honra não estava vinculada ao serviço da guerra. Isso podemos inferir a partir das notas publicadas na imprensa da época, assim como, na literatura catarinense e nacional, espaços em que estes assuntos aparecem problematizados.

Em seu relato de viagem pelo litoral fronteiro à Ilha de Santa Catarina, Duarte Paranhos Schutel nos fala das dificuldades econômicas sofridas pela sua província natal, apesar das riquezas naturais nela existentes, bem como, das experiências que os agricultores tiveram ao servirem à Guarda Nacional. Sentados ao redor de uma fogueira, estes narraram ao escritor seus feitos na Guerra dos Farrapos para onde foram chamados a lutar:

"- É assim, disse um outro de longas barbas e rosto enegrecido pelos sóis; a nós, nos mandam servir à guarda nacional para gastarmos algum vintém que ajuntemos, e tiram-nos de nossos trabalhos; depois queixam-se da falta de mantimentos."¹⁹

Foi com essa imagem de homens trabalhadores que tinham o "rosto enegrecido pelos sóis" que Duarte P. Schutel apresentou seus conterrâneos ao publicar sua obra, "A Massambu", na Revista Popular do Rio de Janeiro, em 1860. Demonstrou o quanto a guerra contribuía para a pobreza e sofrimento deles. Porém, sem esquecer de descrevê-los ainda como homens cujo "coração de brasileiros expandia-se ao orgulho de tanto brio e valor."²⁰ Nota-se ainda a ausência de crítica a essa corporação que se apresentará, na literatura catarinense, na obra já citada de Horácio Nunes Pires, em 1877.

A imprensa de Desterro noticiava e criticava freqüentemente a forma como era feito o alistamento compulsório dos soldados que deveriam servir na Guerra do Paraguai. Artigos dos jornais freqüentemente denunciavam os abusos cometidos pela polícia, principalmente, no ano de 1869. Um dos artigos assim descrevia o recrutamento:

"Ainda o recrutamento - Foi recrutado na Freguesia do Ribeirão um indivíduo de nome Manoel Joaquim Constante que há seis para sete dias se achava retido preso no quartel da polícia.

Informam-nos que este infeliz é chefe de numerosa família composta de mãe, tia e quatro irmãs solteiras, que todas são por ele sustentadas.

Haverá justiça no recrutamento deste indivíduo, e que não será por aí encontrado algum outro mais no caso do que esse?

Que nos diga o Sr. Dr. Chefe de Polícia."²¹

¹⁹ SCHUTEL, Duarte Paranhos. **A massambu**. Florianópolis: UFSC/Movimento/INL, 1988. p. 55.

²⁰ Idem. p. 56.

²¹ Jornal "A Regeneração" 23 de julho de 1869, n 81.

Nota-se nesse e em outros artigos a valorização da imagem do homem enquanto provedor, numa sociedade em que as mulheres eram representadas como elementos frágeis e que necessitavam da presença masculina. O fato de ter mulheres sob sua responsabilidade eximia o cidadão, na visão do cronista, de participar da guerra.

Em seu romance "Iaiá Garcia", Machado de Assis narra a história de Jorge, um bacharel em direito que, se vendo envolvido por uma moça de condição social inferior à dele e diante da objeção de sua mãe ao matrimônio, parte para a Guerra do Paraguai. Além de impedir a união dos jovens apaixonados, servir na guerra apresentava-se como uma oportunidade de seguir uma carreira militar. Nesse sentido, Valéria, a mãe de Jorge, fala no romance:

*"- Jorge está formado, disse ela, mas não tem queda para a profissão de advogado nem para a de juiz. Goza por enquanto a vida; mas os dias passam, e a ociosidade faz-se natureza com o tempo. Eu queria dar-lhe um nome ilustre. Se for para a guerra, poderá voltar coronel, tomar gosto às armas, segui-las e assim honrar o nome de seu pai."*²²

A possibilidade de galgar postos na carreira militar foi dada pelo decreto que criou o corpo de tropa dos voluntários da pátria, em 1865, que oferecia várias vantagens aos que se alistassem nesse batalhão, entre as quais, o artigo 9 do documento rezava: "Os Voluntários terão direito aos empregos públicos, de preferência em igualdade de habilitações, a quaisquer outros indivíduos."²³

Segundo Lucas Alexandre Boiteux, o decreto imperial foi fixado nos principais locais de Desterro e interior da Ilha, aos poucos, apresentaram-se os interessados. O exposto serve para pensarmos na possibilidade que se afigurou, para os jovens "dandies", filhos de funcionários públicos e comerciantes, alguns deles recém-formados na capital do império, que encontravam no serviço público a chance de uma carreira profissional. Chance esta que excluía os "roceiros" analfabetos que somente nas jornadas de trabalho braçal encontrariam o seu sustento e de sua família.

Não neguemos os efeitos do clamor ao patriotismo presente nos chamamentos à guerra que circulavam nos jornais de Desterro. Nem tão pouco os resultados desses no espírito dos homens que se dispuseram a partir para o teatro de guerra. Mas não menos importante, creio, foi a expectativa de ascensão social que ela propiciou aos que visualizavam uma carreira tanto no serviço militar quanto no funcionalismo público. Na segunda metade do século XIX, percebe-se um incremento nas atividades comerciais provocado pelo aumento das atividades portuárias. Porém, isto não foi suficiente para formar uma burguesia rica, dessa forma, restou aos homens procurarem no serviço público

²² ASSIS, Machado de. **Iaiá Garcia**. São Paulo: Ática, 1996. p. 20.

²³ BOITEUX, Lucas Alexandre. **Província de Santa Catarina nas guerras do Uruguai e do Paraguai**. Florianópolis: UFSC, 1972. p. 35.

e nos casamentos ditos vantajosos, um fator de diferenciação social, de aquisição e manutenção de um status privilegiado.

Retomando a obra de Cabral, "Nossa Senhora do Desterro", se faz necessário dizer que esta deve ser entendida no contexto em que foi produzida, a década de 50, do século XX. Naquele momento histórico, as identidades de gênero não eram questionadas pelos intelectuais catarinenses, estes, em sua grande maioria, eram homens que não contestavam o modelo de masculinidade de sua época. Nesse sentido, pensamos que "Nossa Senhora do Desterro" apresenta-se como um "documento" que nos informa mais sobre o modelo de masculinidade vigente no contexto histórico em que foi produzido do que em relação ao século XIX, período que o autor se propôs a analisar.